

JORNAL: O Jornal LOCAL: Quomabara

DATA: 26/04/1962 AUTOR: Quirino Campofiorito

TÍTULO: O Nosso "Onze" para Veneza

ASSUNTO: Ivan e as seis telas enviadas para Veneza.

## Artes plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

### O NOSSO "ONZE" PARA VENEZA

As obras selecionadas para representação do Brasil na Bienal de Veneza, a inaugurar-se a 6 de junho próximo, foram expostas ao público no Museu Nacional de Belas Artes, por um dia, apenas. Nem um dia mais, porque urge a remessa, ainda esta semana dessas obras, a fim de que possam ser apreciadas à abertura do famoso certame.

Mas já é muito poder ver o envio brasileiro à Bienal de Veneza, antes do conjunto ser remetido. Isto jamais aconteceu. As obras dos nossos artistas não eram vistas por nós, pois não se mostravam as mesmas, nem antes de seguir, nem depois de voltar. Coisa estranha aquele cuidado de escon-

der aos olhos do nosso público e até mesmo dos grupos particularmente interessados no assunto, o que era escolhido para representar o Brasil em Veneza.

Não se passava apenas com o que era destinado à «Biennale», mas igualmente com todos os grupos de arte que eram enviados, ao estrangeiro sob a responsabilidade oficial. Processo errado — erradíssimo — pois deixava sempre parecer que tais envios temiam críticas capazes de prejudicar não apenas a remessa, mas até o sucesso no estrangeiro.

Realmente era desagradável assistir à saída constante de conjuntos artísticos para exposições no exterior como se se tratasse de

remessas misteriosas, das quais apenas se tinha no país, algum conhecimento, quando algumas notícias telefônicas chegavam, quase sempre com o devido atraso e endereçadas a algum setor privilegiado.

Nunca pudemos atinar bem com a razão que levava a assim proceder. Por que tanto segredo? A seleção não era justa?

Felizmente aquele hábito vai mu-

dar, ou melhor, já mudou. Os novos planos do Departamento Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores vão sanar aquela grave deficiência das nossas representações no estrangeiro. O ministro Lauro Escorel de Moraes, que agora está à testa desse importante setor do Itamarati, julga que as exposições cuidadas pelo seu Ministério, sobretudo as de maior realce, devem ser

mostradas aqui antes de expedidas, pois nada mais justo que se dê das mesmas conhecimento ao nosso público e aos círculos particularmente interessados.

Já a escolha do conjunto para a próxima Bienal de Veneza foi realizada com critério elogiável. Para a Comissão de Seleção foram convidados elementos que representavam várias instituições e assim foi evitado o imperdoável «segredo». A exposição que se realizou no Museu Nacional de Belas Artes, quase deixa de ser efetivada, mas não por culpa da Comissão, mas dos próprios artistas, que retardaram de muito a entrega de suas obras. Por isto, um dia apenas de exibição antes de fechar os caixotes, mas já bastou para dar uma satisfação aos meios artísticos.

Detalhe curioso que induz a fazer um pouco de humorismo. Não sabemos se foi influência dos tempos, ou mera casualidade (naturalmente que foi casual), os nossos artistas aparecerão em Veneza em numero exato de um «team» de «foot-ball». São onze. Pelas obras que vimos no MNBA, e nosso «onze» sair-se-á muito bem entre os campeões internacionais. Como todo o «team» tem um «captain», essa responsabilidade foi entregue ao gaúcho Iberê Camargo, que excepcionalmente participa com obras de pintura e de gravura. Vamos ver quem marcará tento em Veneza.

Em geral, o numero com que cada artista comparece é de seis. Só Lygia Clark tem alguns mais. Os dois escultores fazem um contraste surpreendente. Lygia com suas criações leves — leves de concepção e leves de material, porque em alumínio.

O pernambucano Jacson, ao contrario, conjugando o granito e o ferro, cria uma escultura em que o peso não tem economia. E' escultura p'ra pesar direta.

Iberê Camargo irá com cinco telas, porque o proprietário da que completava a meia dúzia regulamentar, marcou preço tão elevado, que sobrecarregaria por demais o orçamento para a expedição com o seguro. Iberê não está satisfeito e acha que assim ficará sacrificado na sua possibilidade de fazer «goal» no campeonato internacional de Veneza. Mas terá as seis gravuras, que são esplendidas.

Ivan Serpa, seis telas em grandes proporções, marcando bem a nova orientação que já mostrou na VI Bienal de São Paulo. Marcello Grassmann, o unico figurativo, com desenhos que são de mestre. Em geral todo o conjunto está bem selecionado. Rossini Perez, Ana Letycia, Samico, Isabel Pons (o Primeiro Premio Nacional de Gravura da VI Bienal de São Paulo), com gravuras a agua forte; Volpi em boa forma para marcar «goal» até de «olha seca», imponente o conjunto de Ruben Valentim, ambos pintores.

No «onze» brasileiro para Veneza, vai um reserva de honra. E' a gravadora Fayga Ostrower, cujo convite especial que lhe foi feito pela Comissão Organizadora da «Biennale di Venezia», não é apenas uma elevada e merecida homenagem à artista, mas também à gravura, e porque não dizer, à arte brasileira. Fayga Ostrower é detentora de um alto premio naquele certame.